



**Apresentação  
pública do projecto**

**CLL - *Criação  
de um Lugar  
Literário* :**

**A CASA-MUSEU  
AFONSO LOPES VIEIRA  
EM S. PEDRO DE MOEL**

**[CIID / INDEA / IPL –  
novembro 2010 /  
novembro 2011]**

**CRISTINA  
NOBRE**

## PROGRAMA

- 10:00** Sessão de Abertura do seminário
- 10:30** **A inventariação de acervos museológicos: Ponto da situação**  
José Manuel de Oliveira (Director da Casa Museu Camilo Castelo Branco)
- 11:00** **Apresentação pública do projecto — Criação de um Lugar Literário**  
Cristina Nobre (Coord.)
- 12:00** **Os particulares e os bens culturais comunitários**  
Carlos Vieira (mecenaz CMALV)
- 12:30** Almoço
- 14:00** **Entrevistas na CMALV**  
Helena Barradas e Joaquim Correia
- 14:30** **A inventariação do acervo da CMALV e a educação**  
Fernando Magalhães (Consultor científico)
- 15:00** **CM Marinha-grande e o projecto museológico  
– o processo de inventariação do acervo da CMALV**  
Catarina Carvalho e Paulo Alfaiate (CMMG)
- 15:30** **Problemáticas do processo de inventariação  
do acervo da CMALV**  
Teresa Azevedo (Bolseira do projecto CLL)
- 16:00** Mesa Redonda  
**O papel do património museológico  
no ensino da ESECS/IPL**  
Fernando Magalhães (moderador)  
Graça Poças Santos: **Património como ferramenta educativa**  
Jenny Gil Sousa: **A dinamização de acervos museológicos**  
Dina Alves: **Património local, cidadania e pedagogia**  
Ana David: **O papel da Oficina do Olhar  
e da programação cultural e educativa do mimo**
- 17:30** Encerramento dos trabalhos

### Eventos Paralelos

Visita guiada à CMALV (com inscrição no decurso do seminário)

SEMINÁRIO

## CRIAÇÃO DE UM LUGAR LITERÁRIO

INVENTARIAÇÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO  
CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA

ESECS — IPL · 3 NOVEMBRO 2011



# A ACÁCIA DO JORGE

*O Poeta Saudade, 1901; Poesias Escolhidas, 1906;  
Os Versos de Afonso Lopes Vieira, 1927*

**Quando a Acácia do Jorge inda uma vez enfore,  
Chamai-me, que eu de Abril nas auras voltarei...**

CAMILO CASTELO BRANCO

CAMILO! Como acreditar, como hei de  
Entender estes versos que deixaste?  
Floriu a Acácia em São Miguel de Seide,  
Cada ano te espera – e não voltaste!

[...]

Poetas, perguntai ao pensamento  
Que mais quimeras e desgraças forje?  
Antes te seque um raio, ou parta o vento,  
Oh Acácia do Jorge!...

# **NÁUFRAGO. VERSOS LUSITANOS**

## **AFFONSO LOPES-VIEIRA, 1898**

### **MORRER MOÇO!**

Morrer moço é morrer quando se deve,  
Morrer com vinte anos: boa sorte!  
Dorme-se bem na terra, o sono é leve,  
E tem pena de nós a própria Morte.

E nunca a gente se faz velha: não  
Envelhece dos outros na memória.  
Morrer moço é ficar no coração  
De alguém, que há de contar a  
[nossa história...

[...]

E os que nos amem que por cá ficarem  
Mais nos amam depois, tendo saudades:  
E se os nossos defeitos lembrarem  
Hão de parecer-lhes boas qualidades...

Depois, **hão de mostrar nossos retratos,**  
**Nossas cartas relidas, decoradas,**  
**E as nossas coisas, cheias de recatos,**  
**Como relíquias hão de ser guardadas...**

[...]

Em 1939, Lopes Vieira tinha tornado pública a sua decisão de legar a sua Casa de S. Pedro de Moel para sanatório dos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais, Bombeiros, Pescadores e Operários Vidreiros da Marinha Grande, e a sua Biblioteca à cidade de Leiria

in *Diário de Lisboa*, 15 de abril de 1939





Logo em 1940 a população da Marinha Grande prestou uma homenagem ao Poeta, sob a forma de uma procissão de crianças, agradecendo o legado.



De defensor da *sua terra*, Afonso Lopes Vieira passava, inevitavelmente, à figura de padroeiro cultural da região de Leiria, com um potencial turístico e cultural bastante elevado.

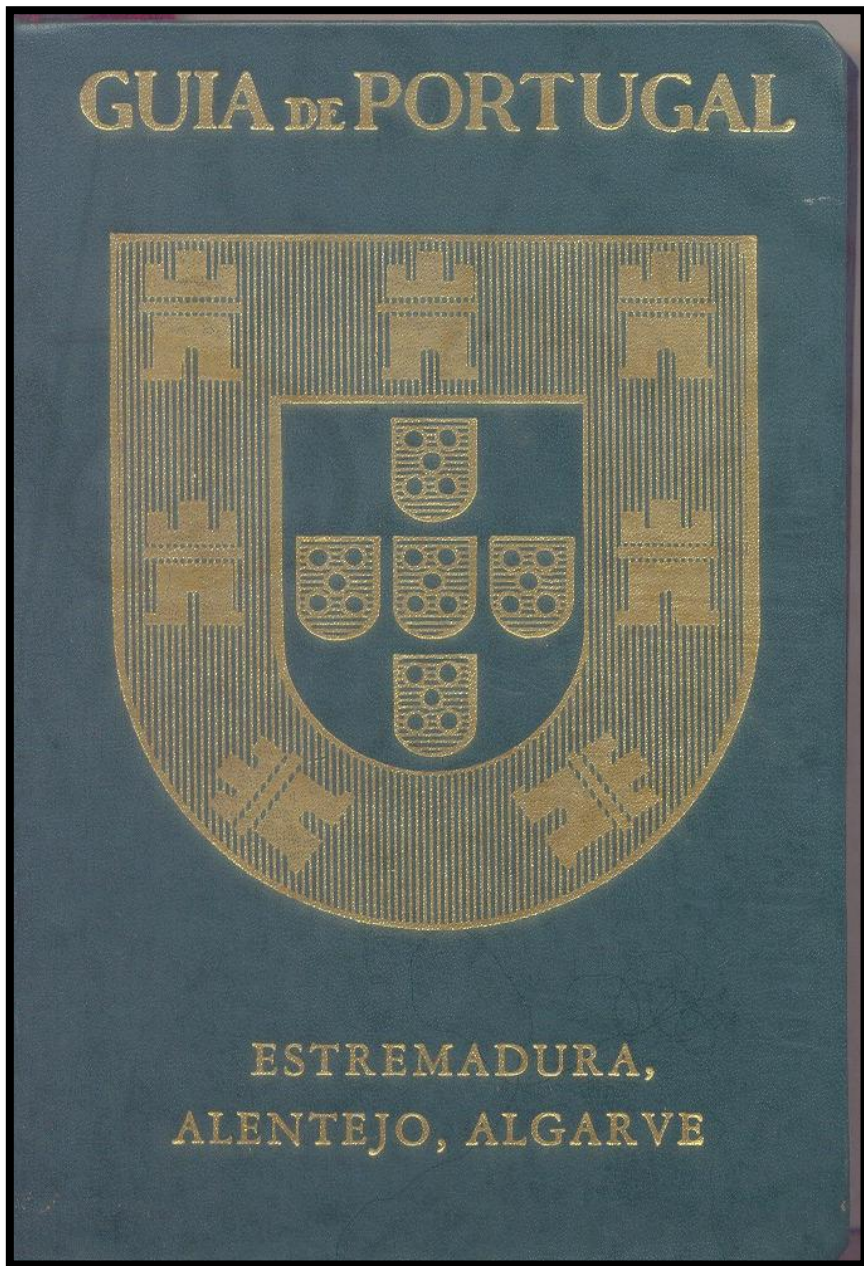


Em momentos de inteligente intervenção cívica a favor da sua terra, Lopes Vieira revelou-se continuamente um **cidadão do mundo**, consciente da importância da defesa e divulgação do nosso rico património cultural: uma **PAISAGEM**; uma **ÁRVORE**; um **MONUMENTO**; uma **CASA**; a **LÍNGUA**



[...] (Já depois que estas linhas se achavam escritas, a estrada foi destruída na sua principal beleza pelos cortes. Todavia, teria sido bem natural e humano que o *ordenamento*, determinado há cerca de 50 anos pelo sábio silvicultor Barros Gomes, se houvesse modificado, por inteligente deliberação ulterior. Assim a burocracia de Lisboa vai reduzindo uma estrada, que era interessante na Europa, a uma triste charneca!)[...]

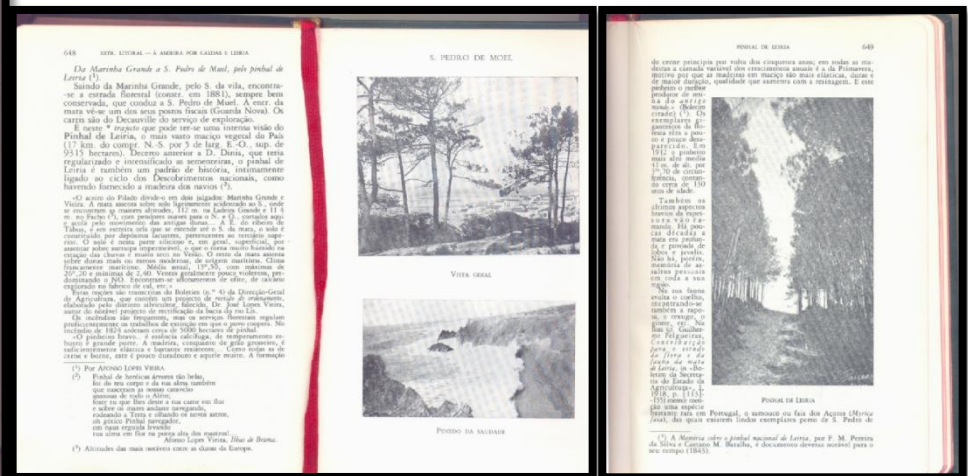
in *Guia de Portugal, II*, 1927: 650

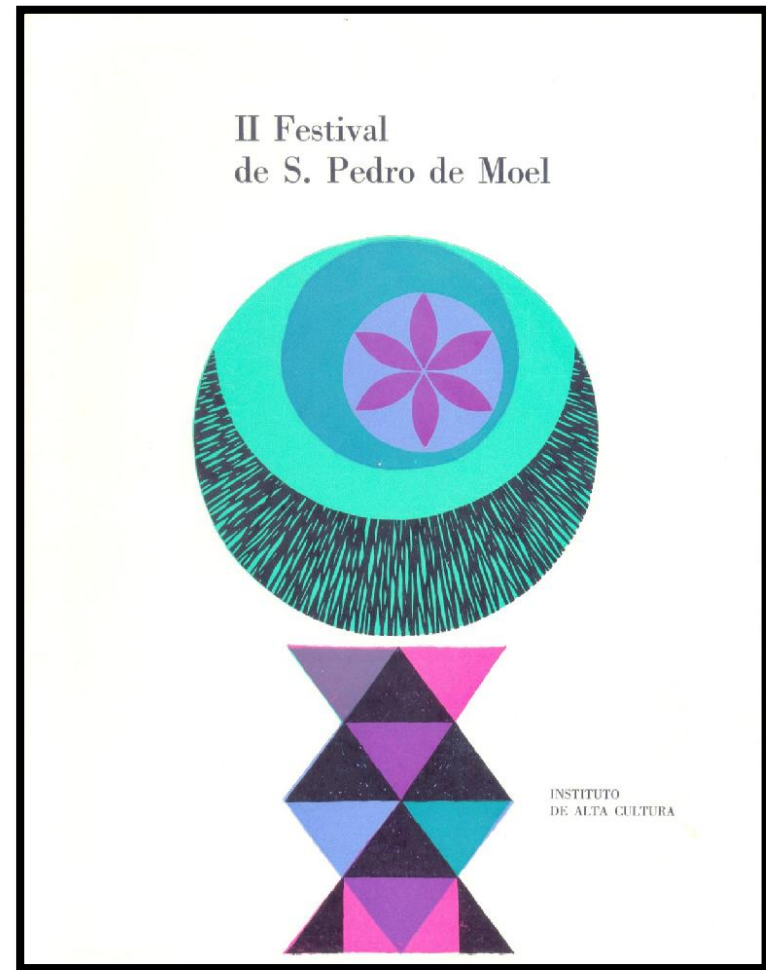
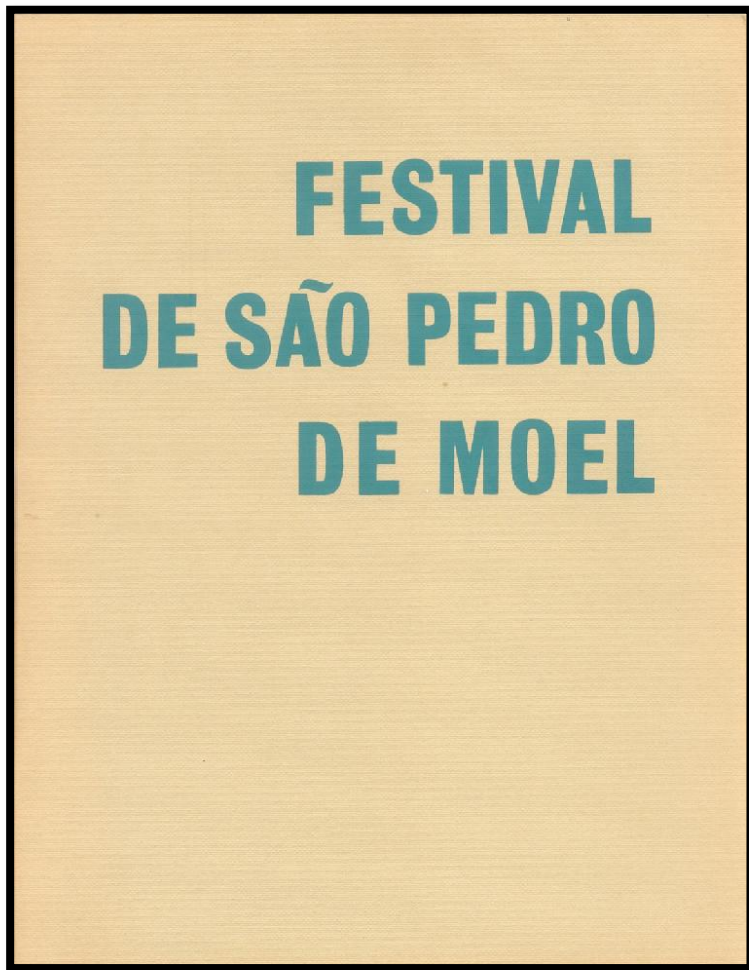


**ALV participa no GUIA DE PORTUGAL, no 1.º vol., de 1924, c. artigos sobre "Sintra, impressão geral" e "Penha Verde";**

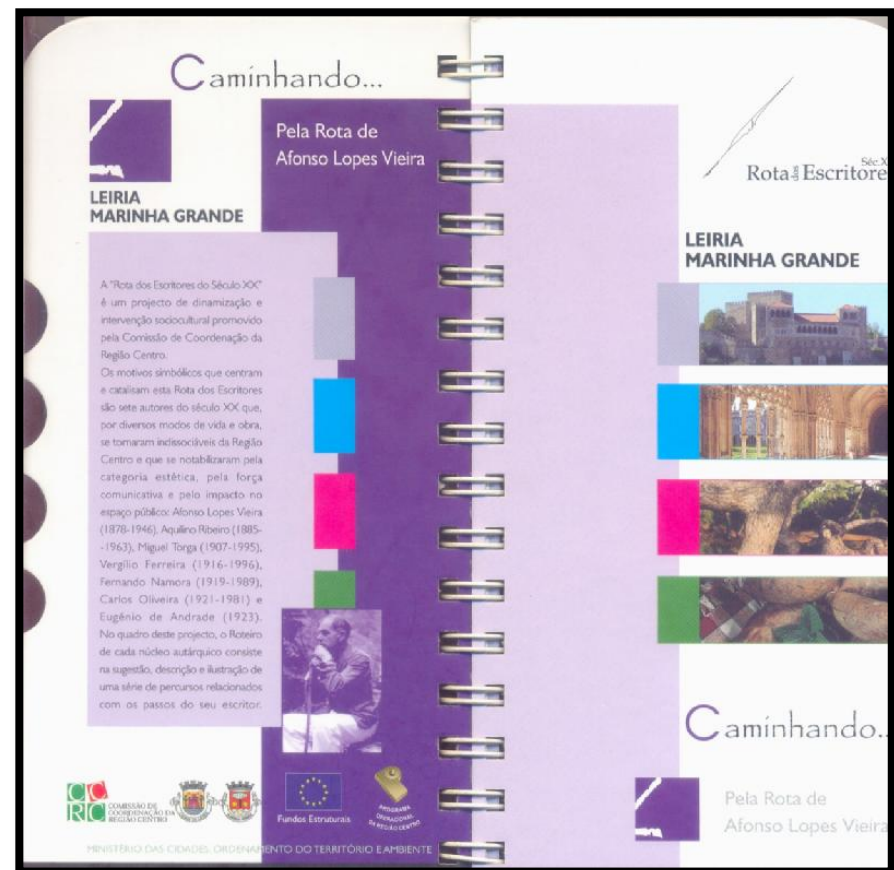
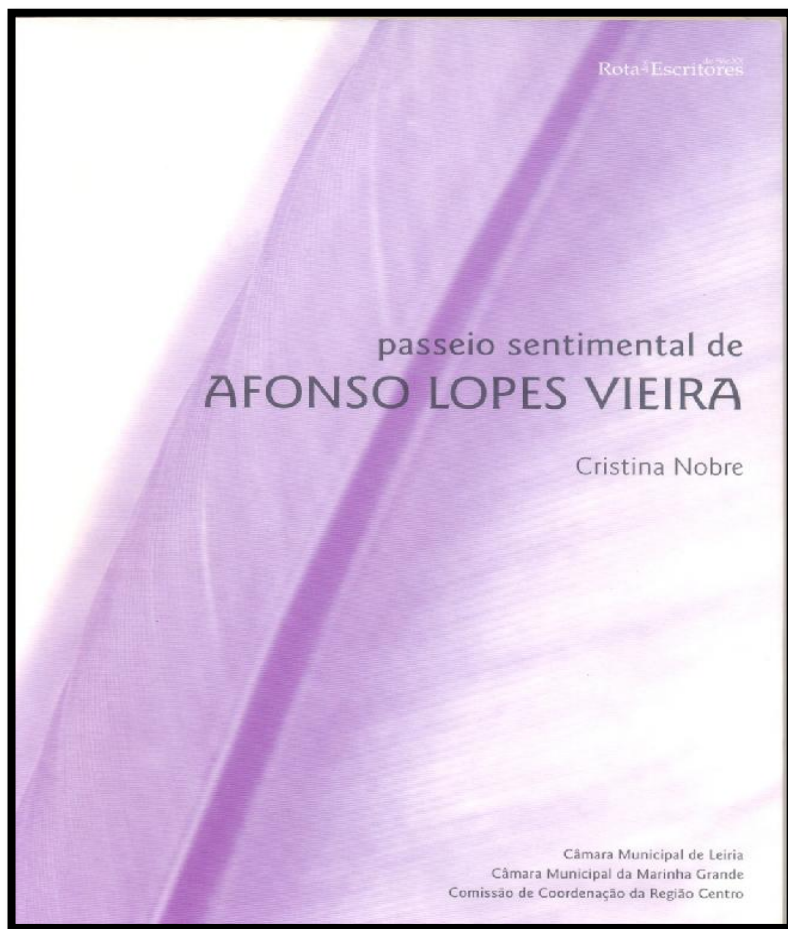
**no 2.º vol., de 1927, com "Mosteiro de Alcobaça" e "PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL";**

**no 3.º Vol., de 1944, com "Impressão Geral de Coimbra"**





Pelo alto nível cultural alcançado e pela divulgação turística da região, devem destacar-se os dois Festivais de São Pedro de Moel, de **1961** e **1966**, organizados por **Mestre Joaquim Correia** e exemplo de revivificação do património cultural, na esteira do bom gosto e do amor pela causa artística de LOPES VIEIRA.

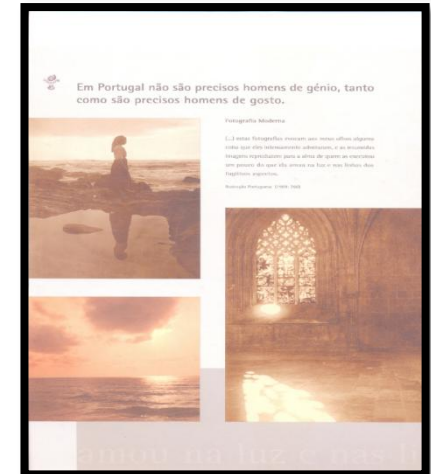
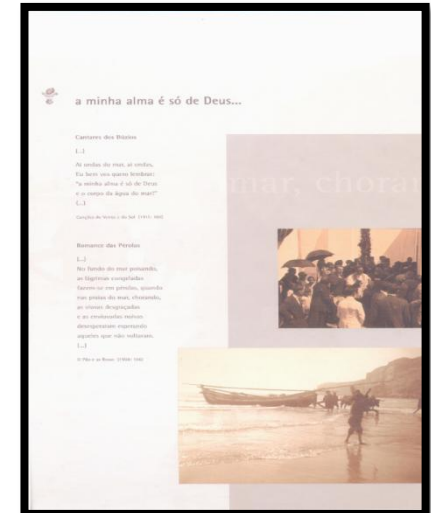
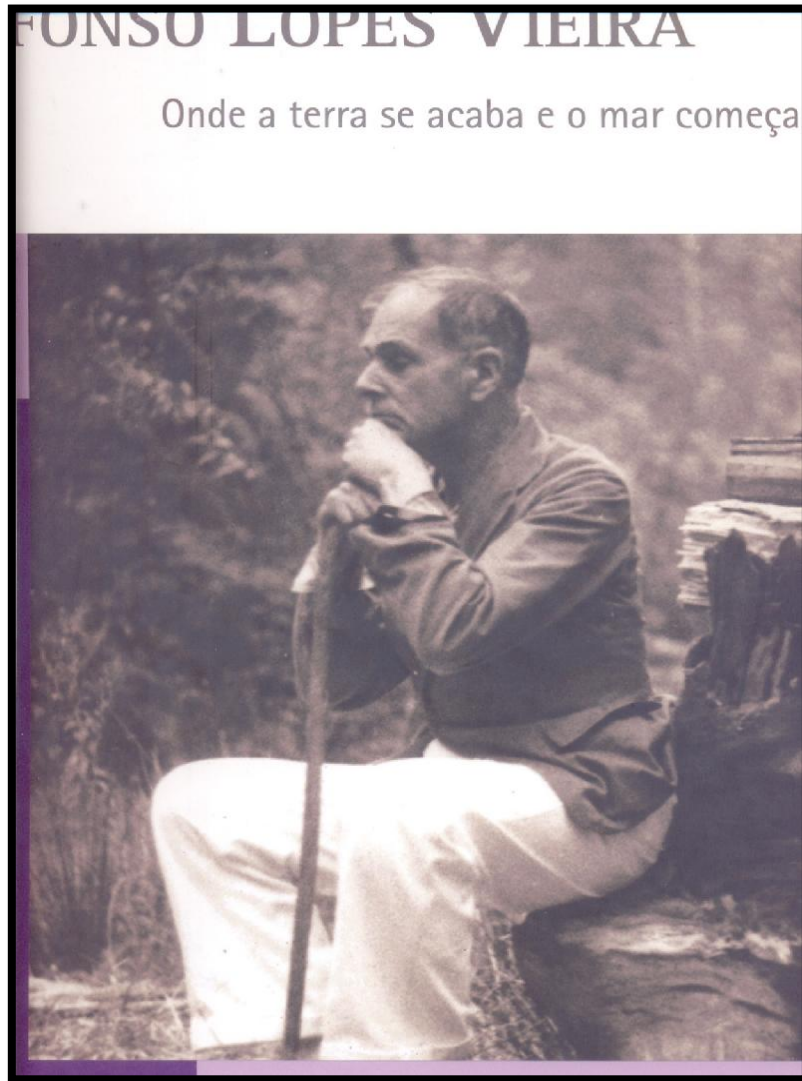


Em 2003, sob a égide do programa “**Rota dos escritores do século XX**”, projecto de dinamização e intervenção cultural e social concebido pela CCRC, com *Coimbra Capital Nacional da Cultura*, editou-se a monografia de **Cristina Nobre (2003) *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira***

Ao mesmo tempo, criou-se um **Roteiro** turístico-cultural, exemplo da simbiose entre a cultura da região e o turismo, ligados pela **ROTA DE AFONSO LOPES VIEIRA**

# Organizou-se e criou-se uma EXPOSIÇÃO sobre AFONSO LOPES VIEIRA, **ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA**

Esteve presente ao público, durante o verão de 2004, na Casa de ALV, sem o estatuto de Casa-Museu

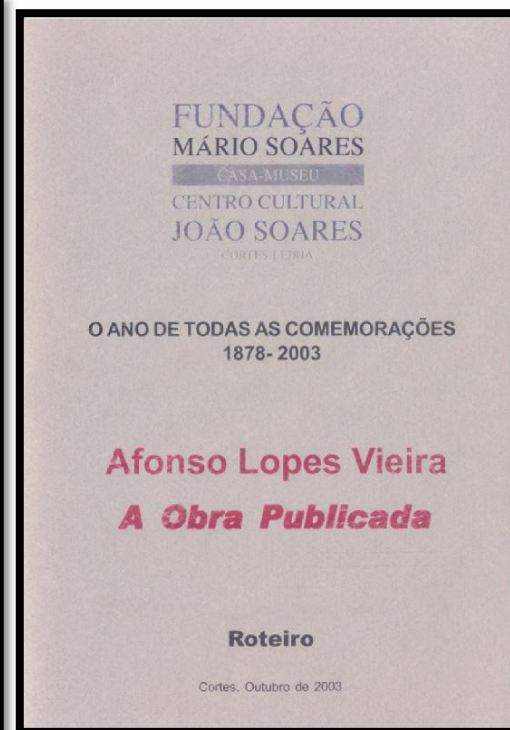
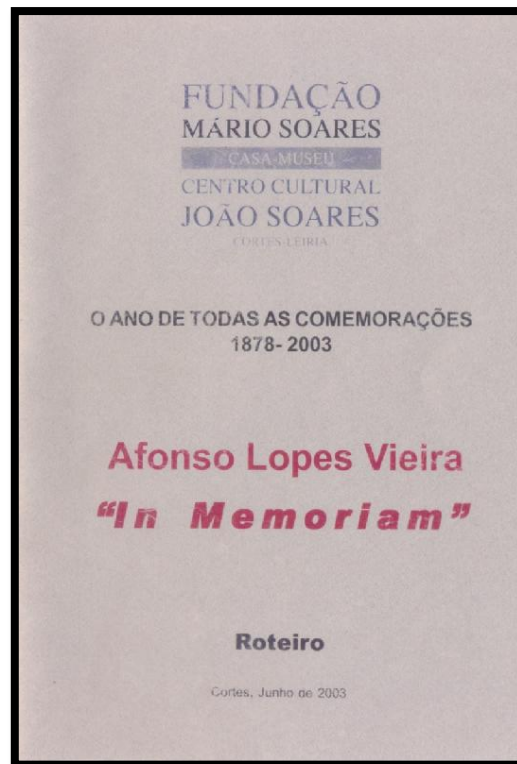




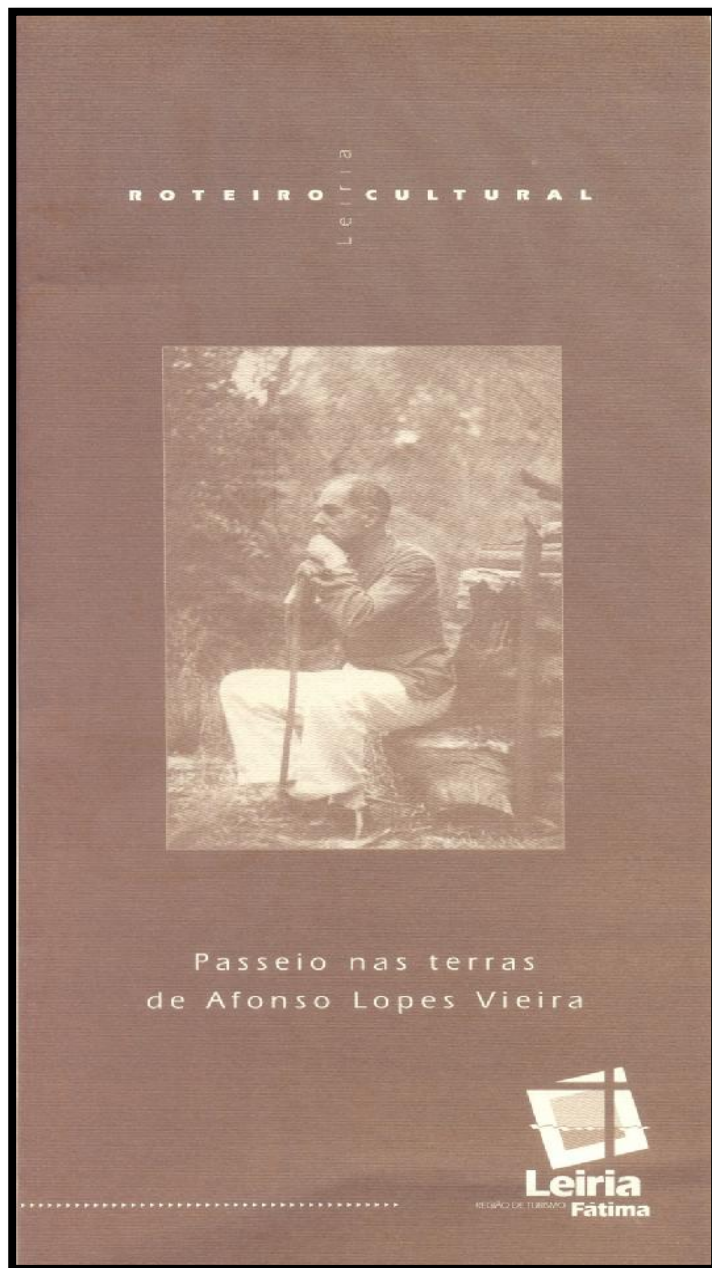
A exposição final em Coimbra  
(22 de nov. 2003 - 22 de jan. 2004)

## **LUGARES DA ESCRITA**

deu visibilidade positiva a este  
património material e imaterial



A Casa-Museu Dr. JOÃO SOARES, nas Cortes, comemorou os 125 anos do nascimento do seu patrono, organizando **duas exposições** – uma sobre aspectos da intimidade (junho de **2003**) e outra sobre a obra publicada (outubro de **2003**)



O folheto do “Roteiro Cultural” da responsabilidade da Região de Turismo Leiria-Fátima,

***Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira (2004)***, com textos de Cristina Nobre,

contribuiu para criar uma espécie de apetência cultural pelo usufruto deste *lugar literário*

## Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar...



**A Casa será a projecção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas.**

A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, **Afonso Lopes Vieira (1878-1946)**, habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura.



**CASA - MUSEU**  
**Afonso Lopes Vieira**

*onde a terra se acaba e o mar começa*

**Horário de Funcionamento:**

**Julho a Setembro**

Segunda a Sexta

10.00h às 13.30h e 14.00h às 18.00h

Sábados

15.00h às 19.00h e 20.00h às 22.00h

Domínios

11.00h às 13.00h e 15.00h às 19.00h

**Casa-Museu Afonso Lopes Vieira**

Rua Dr. Adolfo Leitão, n.º 4

2430-511 SÃO PEDRO DE MOEL

Tel. +351 244 599 201

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

casamuseu.alv@cm-mgrande.pt

**Colónia Balnear Afonso Lopes Vieira**

Rua Dr. Adolfo Leitão, n.º 4

2430-511 SÃO PEDRO DE MOEL

Tel. +351 244 599 296

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

colonia.alv@cm-mgrande.pt

**Câmara Municipal da Marinha Grande**

Praça Stephens

2430-960 MARINHA GRANDE

Tel. +351 244 553 300

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

geral@cm-mgrande.pt

www.cm-mgrande.pt



Câmara Municipal da Marinha Grande

**ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO**



ANO 2005

S. PEDRO DE MUEL

**CASA - MUSEU**  
**Afonso Lopes Vieira**

Afonso Lopes Vieira

1878 / 1946

*onde a terra se acaba e o mar começa*



CRISTINA NOBRE e FERNANDO MAGALHÃES investigaram sobre as Artes Decorativas da Casa - a **Cerâmica de revestimento**, com os azulejos e algumas cantarias, em 2008/2009:

**painéis informativos** disponibilizados ao público visitante, no local; despoletar de um **inventário** de cariz museológico;

**Roteiro-museológico: CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA - LUGAR LITERÁRIO. ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA** (ed. CMM<sup>a</sup>Grande, co-financ. Mais Centro, QREN, FEDER, **Set. 2010**)



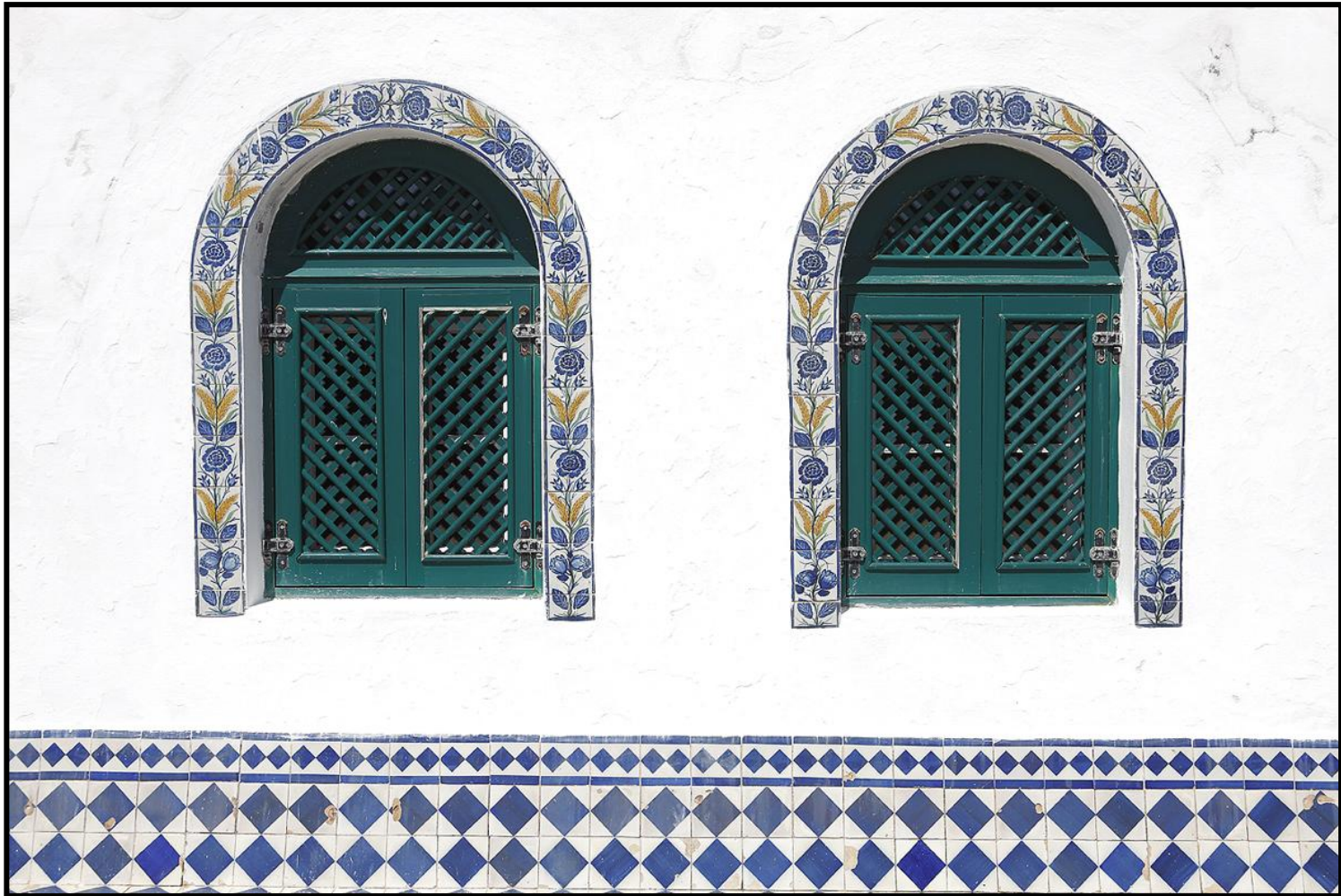
# I ESTRATO - 1902 / 1903?

A fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar.



# II ESTRATO - 1909

## 1.<sup>a</sup> camada – *a febre de renovação*



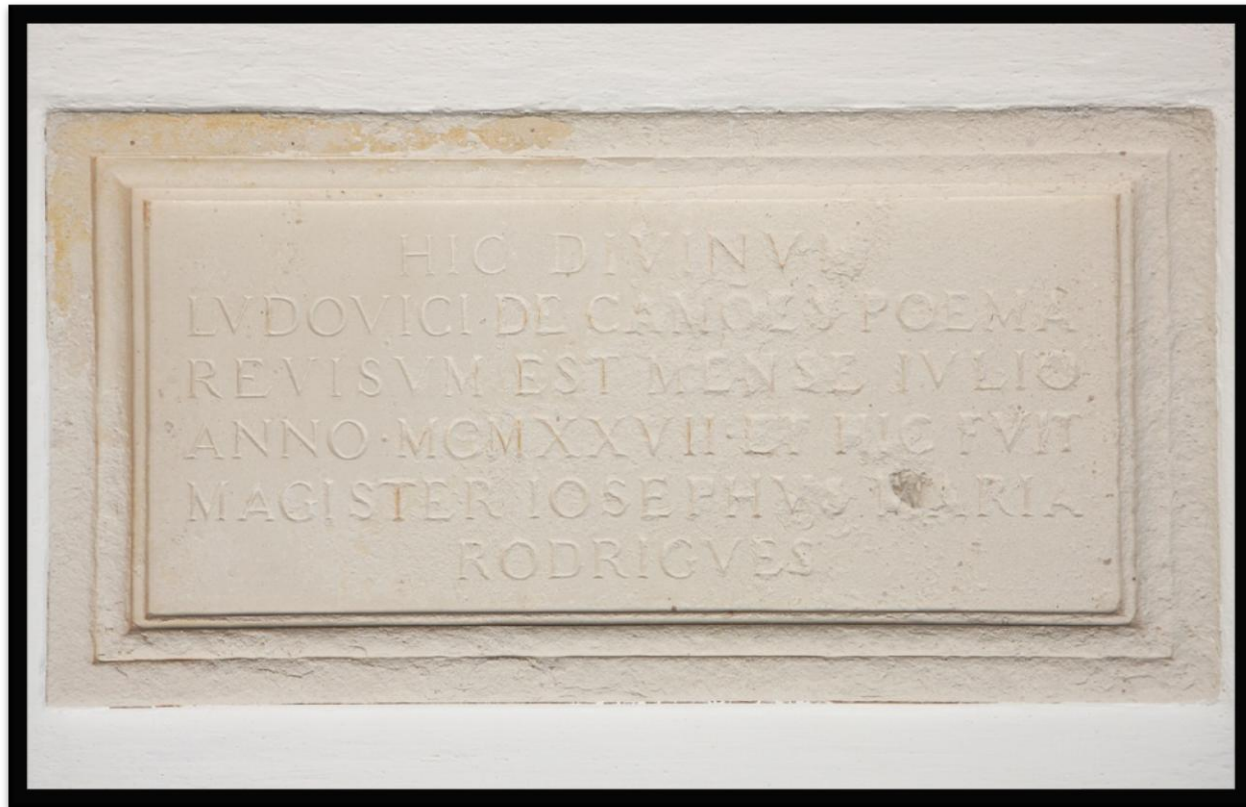
# III ESTRATO - 1916

## 2.<sup>a</sup> camada - ao *estilo sebastianista*



# IV ESTRATO - 1925-27

3.<sup>a</sup> camada - uma *nau no estaleiro*,  
a memória sobre a obra produzida



# V ESTRATO - 1929

4.<sup>a</sup> camada –  
a **Capela** dedicada  
N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima



# VI ESTRATO - 1935



“[...] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.

Adoro isto. A.”

Postal de 8 de setembro de 1935 (Nobre, 2001: 76)

[...]

Onde a terra se acaba e o mar começa  
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;  
encheu-se-me de brancas a cabeça  
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa  
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;  
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,  
novas da minha pátria, além, além!...

(OTAMC 1940: 11)



SEMINÁRIO

# INVENTARIAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS

criação de um lugar literário  
CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA

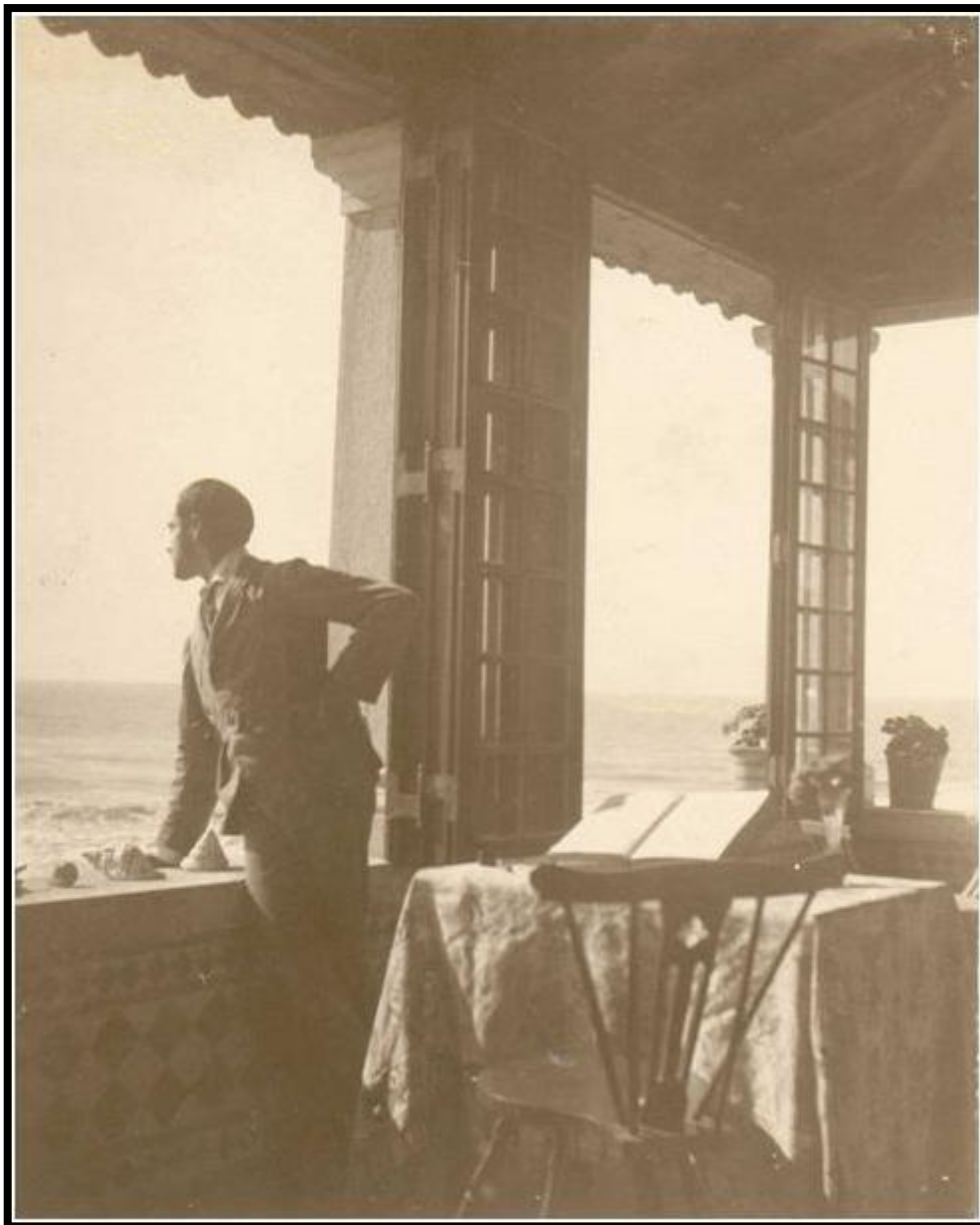
ESECS — IPL · 3 NOVEMBRO 2011



**CLL:**

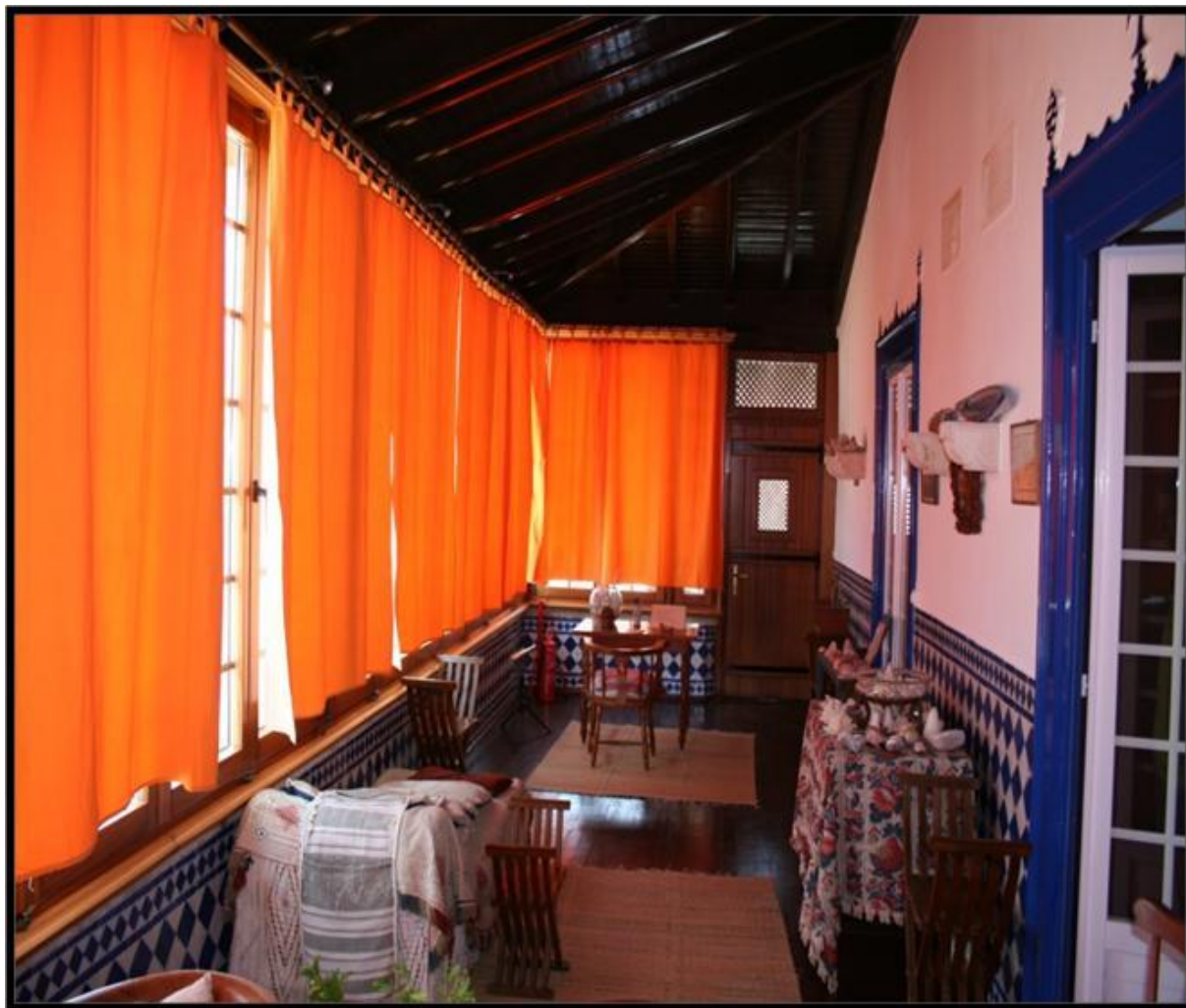
## ***CRIAÇÃO DE UM LUGAR LITERÁRIO***

***a Casa-Museu  
Afonso Lopes Vieira  
em S. Pedro de Moel  
(nov. 2010- nov. 2011)***



Apetência cultural pelo usufruto público de um *lugar literário*, ao qual se fazem *peregrinações*(Herbert, 2001: 312), relacionadas com a atracção turística.

O projecto de investigação e estudo das colecções da CMALV pretende dar continuidade à implementação de um **projecto museológico e musealização da Casa**, promovendo **parcerias** entre a instituição de ensino superior (IPL), com investigadores especialistas nas áreas da educação, literatura e museologia, e a CMM<sup>a</sup>G, responsável por um plano de requalificação museológica da CMALV, no âmbito do QREN, desenvolvido durante os anos de 2009 e 2010.



Visa o estudo aprofundado do recheio da Casa-Museu, desde os **livros ao mobiliário**, passando pelas **pinturas, esculturas e diversos objectos artesanais da casa**, com especial enfoque para a **varanda**, entendida como *lugar privilegiado* da criação literária.

**OBS** - Por se considerar uma área de estudo com características próprias e para lá das possibilidades concretas do projecto, excluiu-se deliberadamente deste projecto o estudo da CAPELA da Casa.

# INVENTÁRIO TEMÁTICO

**PINTURA (CMALV 55-58, 174-175)**

**DESENHO (CMALV 176)**



**Alfredo Keil, “Marinha”, 1905 (CMALV 55)**



**Adriano Sousa Lopes, “Cabeça de velho”, 1903 (CMALV 56)**



**“Ecce Homo”, 1919 (data aquisição?) (CMALV 58)**



**Pintura Japonesa, s/d (CMALV 175)**

# Alice Rey Colaço, “Casal de namorados”, s/d (CMALV 57)



“Não se zangue ó menina,  
d’ este cravo lh’ oferecer.  
Ele é o firme protesto  
de ser fiel até morrer.”

O vestuário das figuras pintadas foi estudado ao pormenor por Alice (Lopes Vieira possuía conhecimento pormenorizado das tradições populares, numa época em que a *canção portuguesa* foi das suas preocupações de activista cultural)

A citação integral da quadra faz desta pintura uma **declaração estética de apreço pelas genuínas tradições lusas** (dando um lugar hierárquico elevado ao que era desprezado pela intelectualidade portuguesa mais comum)

O pequeno guache de Alice é uma afirmação estética de uma certa elite cultural portuguesa de então - **valor das tradições genuinamente populares e portuguesas** e necessidade de as **elegar esteticamente**, para que o **orgulho português** pudesse fazer viver o país, a atravessar um grave momento de crise política e cultural.

# Alice Rey Colaço, “Serão das Irmãs R. C.”, s/d

(CMALV 174)



Com o guache oferecido a Lopes Vieira, no verão de 1915 (?), Alice pinta e regista memória do evento: “**Num concerto das filhas de Rey Colaço**”, que se realizou no Instituto de Coimbra, em **maio de 1915**; mostra bem como compreendia e gravava o objectivo essencial do poeta, desejoso de continuar *ad eternum* do lado da infância.

## FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se  
o infinito em flor desabrochar!

**E rezo agora a minha prece.**

**Falar de crianças é rezar.**

Oh! pensar que elas hão de crescer  
e ser os homens dalgum dia!

Pensar que toda esta alegria

se enflora agora para mais não ser!

[...] (Vieira 1915: 37-38)

# José Rebelo Raposo, “A prisão de Afonso Lopes Vieira em Benfica”, 1937 (CMALV 176)



Em 1937, Henrique Paiva Couceiro (1861-1944), por criticar violentamente a política colonial do regime numa carta ao Presidente do Conselho de Ministros, Salazar, a 31 de outubro de 1937, foi preso pela PIDE durante 6 dias a **13 de novembro**, condenado a 2 anos de exílio e forçado a retirar-se da vida política, enviado, apesar dos seus 76 anos (!), para a colónia espanhola de Santa Cruz de Tenerife, nas Canárias. Em 1939, Salazar permitiu o seu regresso a Portugal, onde acabou por viver os últimos anos.

É emblemático da posição de "**perseguido político**" o episódio vivido pelo escritor e outros nomes conhecidos da época, presos de 16 para 17 de novembro de 1937. No ANTT, nos arquivos da PIDE/DGS, no processo **SPS—3252 / 1937**, pode ler-se que Afonso Lopes Vieira só foi detido em **17 de novembro**, juntamente com C. Beirão e só foi solto em **24 de novembro**. Esta detenção de 8 dias para averiguações é justificada:

"[...] por ordem superior, [...] **por pretenderem visitar o preso Henrique Paiva Couceiro.**"

# TÊXTEIS (CMALV 59-88, 102.1, 103.1, 105.1-5., 106.1-2., 107.1-2., 108.1-2., 109.1-2., 118.1, 122.1 e 218-223) Colchas de chita de Alcobaça (CMALV 59-65 e 218-221)



Terá sido o franciscanismo das opções estéticas e nacionalistas de Lopes Vieira que o fez optar pelas chitas de Alcobaça. “Produto” característico e bastante divulgado nesta região, e conhecendo-se o fascínio que tinha por Alcobaça (Nobre 2008 I-II e 2008b) percebe-se a existência de bastantes destas chitas na sua casa, como uma moldura inédita de **portuguesismo**, a cobrir a cal branca das paredes.

A estética não era a do luxo mas a da **genuinidade**: revestir as paredes de uma casa-nau ou expor as conchas e búzios admirados (elementos naturais marítimos) com e sobre o tecido popular alcobacense era afirmar **o orgulho nas criações do povo e nas matérias-primas portuguesas**.

É uma pena que continue desconhecido o local efectivo onde o escritor, ou alguém por ele, terá adquirido estas chitas.

# MOBILIÁRIO (CMALV 89-121)

## Chaise longue ou *divã tumular* (CMALV 115)



A referência a este divã *tumular* foi constante na correspondência com vários dos seus amigos - devoção que lhe prestava como local de criação predilecto, e elemento profiláctico nas suas diversas crises depressivo / melancólicas.

Os testemunhos orais de **mestre Correia** e **Helena Barradas** são recorrentes na importância desta peça na criação literária do escritor.



VERA EFIGIE D'VM POËTA TRAGI-  
GICÒ-MARITIMO CAÍDO EM PER-  
PETVA RÊVERIE, E POR ELLE EN-  
VIADA AO QVERIDO AMIGO AUGUS-  
TO ROSA

Criou um postal a partir de uma fotografia sua, deitado nele, acompanhado do seu cachimbo (cf. Nobre 2007: 70), e em julho de **1912**, escrevia ao seu amigo e actor **Augusto Rosa**:

**Vera efigie d'um poeta tragicó-marítimo caído em perpétua rêverie, e por ele enviada ao querido amigo Augusto Rosa.**

**Num divã, que é o seu Limbo, ele fuma, e escuta o Mar... Não lhe tirem o cachimbo, e deixem-no dormir, talvez sonhar!**

**Affonso / Julho 1912.**

Postal a Augusto Rosa, BMLALV, A104, nº. 32604.

# INSTRUMENTOS MUSICAIS

## Órgão de Búzios (CMALV 122)



Estamos longe dos tempos em que **Francisco de Lacerda** vinha à casa afinar o *órgão de búzios*, ou que o músico **Viana da Mota** deixava uma pauta com música criada para este instrumento musical, como presente para o anfitrião, quando não era ele próprio a compor uma música para ele.

Em **1925**, sabe-se como a colecção de búzios era motivo de orgulho para o poeta, que usa a palavra *altar*:

[...] Acabo de erigir aqui na varanda **o altar do Mar**, com Camões, História trágico-marítima, um aquário de anémonas e **os mais lindos búzios e conchas da minha já vasta colecção** (cerca de 100 búzios diversos). Como complemento do altar, **o órgão de búzios**, em que toco frases musicais, de coral, completas, e para que componho música. O órgão foi afinado pelo Francisco de Lacerda, há um ano. Assim brinca este velho menino solitário, que se basta misticamente a si próprio. [...]

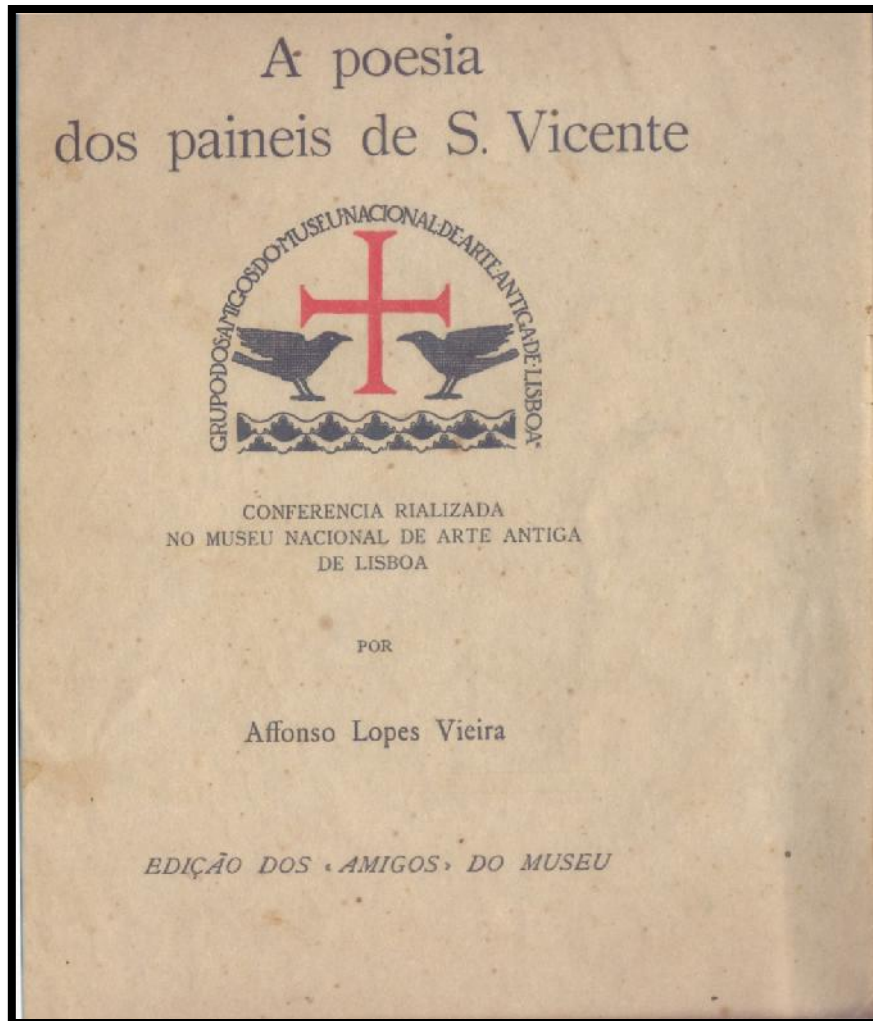
Excerto de Carta a Leonor Rosa, de 25 de julho 1925, esp. BMLALV, A115, nº. 33549.

Da importância atribuída a esta peça faz prova a fotografia que acompanha a entrevista concedida em **1931** à revista *Cinéfilo* (Nobre 2011: 204-208), em que o poeta se encontra no exterior, no terraço, sentado frente a este **órgão**, com um búzio na mão e uma pauta colocada no móvel.



# GRAVURA (CMALV 123-124, 126, 127/1/2/3, 128/1/2/3, 129-134, 172-173)

## Painéis de S. Vicente de Fora (CMALV 127/128)



Em 26 de dez. de 1914, faz a conferência *A Poesia dos Painéis de São Vicente*, onde se associa à recente descoberta de Nuno Gonçalves, pintor português de quinhentos, o que viria colmatar um hiato na arte portuguesa e dar continuidade artística à nossa história.



Associa-se a **José de Figueiredo**, e considera esta "causa artística" mais um dos seus trunfos na batalha de **arte nacionalista** em que se empenhou.

NOTA: Ref. em *Ilhas de Bruma*, de 1917, a uma obra "em preparação",  
***Auto dos Painéis de S. Vicente***

# ESPÓLIO DOCUMENTAL (CMALV 125, 135-171,193)

## 1 postal p/ Vasco Pimentel

**(CMALV 153)**

Um número considerável de horas do dia de Afonso Lopes Vieira era dedicado à correspondência, uma actividade obrigatória e prazenteira, dada a sua larga vivência social e as profundas amizades alimentadas. O mobiliário e os utensílios, de que se rodeou, confirmam essa dedicação que deu frutos tão largos, embora ainda pouco divulgados (*vide* Nobre 2001, 2003, 2005II, 2008).

As doações de Carlos Vieira à CMALV provam-no.

Vasco Pimentel terá compreendido os **cuidados estéticos de Lopes Vieira com a escrita**, tendo-lhe ofertado um conjunto de **lápiz de cor**, gesto a que o poeta ficou grato, como deixou explícito no postal de setembro de **1942**:

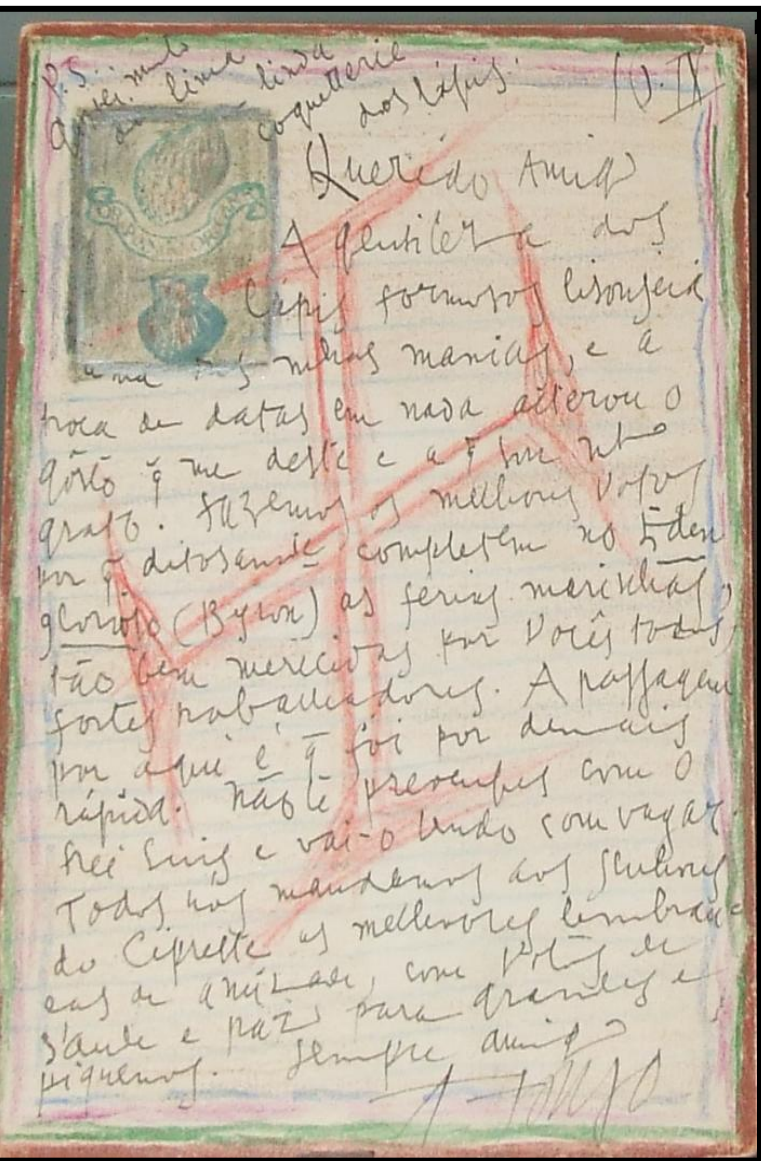
Querido Amigo

A gentileza dos lápis formosos lisonjeia uma das mhas manias, e a troca de datas em nada alterou o gosto q. me deste e a q. sou mtº grato.

Fazemos os melhores votos por q. ditosamente completem no *Éden glorioso* (Byron) as férias marinhas, tão bem merecidas por vocês todos, fortes trabalhadores. A passagem por aqui é q. foi por demais rápida.

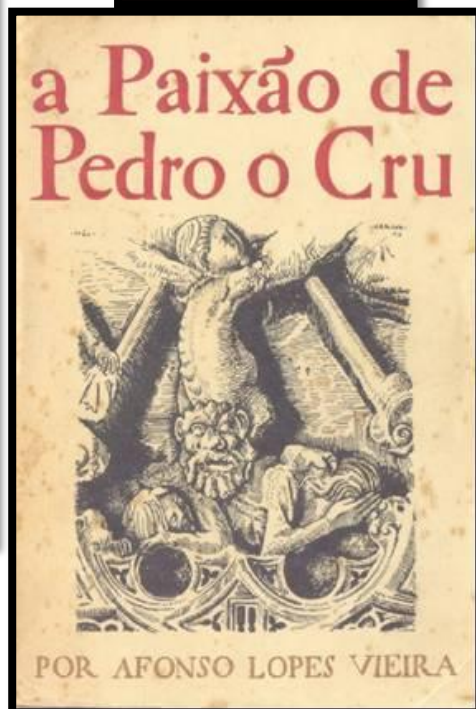
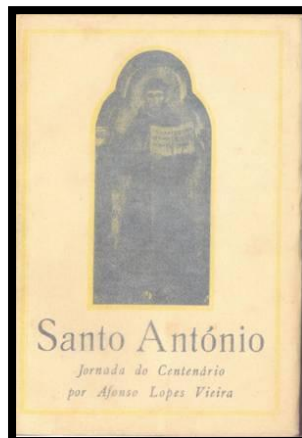
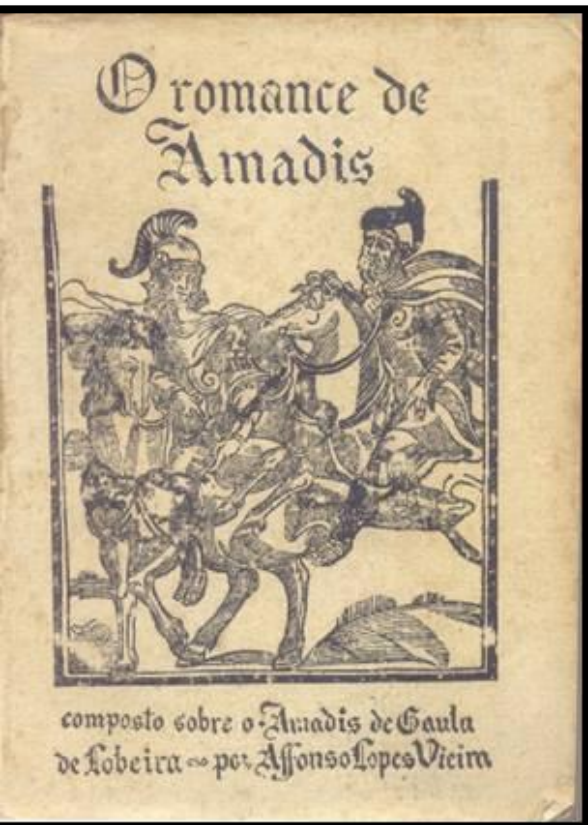
Não te preocupes com o Frei Luis e vai-o lendo com vagar. Todos nós mandamos aos Senhores do Cipreste as melhores lembranças de amizade, com votos de saúde e paz para grandes e pequenos.

Sempre amigo / Afonso



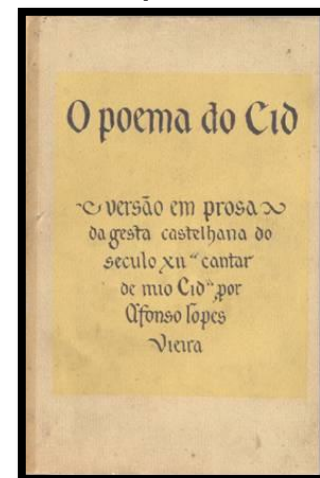
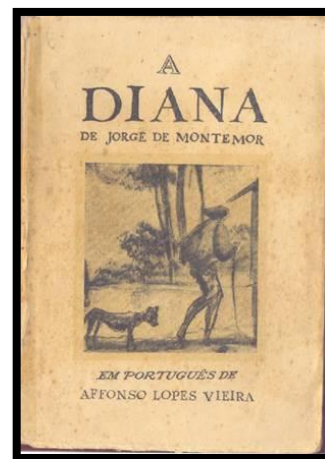
# ESPÓLIO DOC. LIVROS (CMALV 235-611)

Na cela quixotesca – *Biblioteca de S. Pedro / Casa de S. Pedro...*



... com Amadis (CMALV 264 e 508)

... com *Diana* (CMALV 279)  
e *O Poema do Cid* (CMALV 287)



... com *Santo António* (CMALV 294)  
e a rev. *Lusitânia* (CMALV 502/1, 502/2, 470-474)

... com *A Paixão de Pedro o Cru* (CMALV 276)

... com os livros dos amigos

O Cid ~~Amadis~~ Amadis (1)

O que vou fazer não é uma conferência. <sup>o que vou fazer</sup>  
 Na realidade, são notas a margem de ~~uma conferência~~  
 O assunto é tão vasto q, em verdade,  
 qualquer das partes em q, ele se divide  
 daria matéria para um longo estudo.  
 Pretendo apenas sugerir, não mais  
 q sugerir, o carácter, o sentido, a beleza  
 de ~~estas obras~~ <sup>estas obras</sup> ~~que a realidade não~~  
 das mais belas q o génio dos ~~homens~~  
 têm criado, e q exprimem, como nenhuma  
 mas outras, ~~o~~ o espírito das  
 nacionalidades onde surgiram: como  
~~as~~ imortais florações das suas almas -  
 o Cid, ~~Amadis~~ Amadis; o mesmo é dizer:  
 a alma de Castela, ~~de~~ a alma de Castela,  
~~de~~ a alma de Portugal.  
 Sobre o qual o eminente filólogo espanhol, ~~o~~ <sup>o</sup> ~~seu~~ <sup>seu</sup> ~~memorável~~  
 Pidal <sup>tem</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~poema do Cid~~ <sup>poema do Cid</sup> foi escrito no século  
 XII, pouco antes de Portugal se constituir  
 como nação soberana. Sob este aspecto,  
 (por um grande poeta cujo nome  
 se não conhece, e

+ É interessante poder-se provar de ~~um~~ <sup>os</sup> ~~vermos~~ <sup>vermos</sup> ~~estes~~ <sup>estas</sup> ~~notas~~ <sup>notas</sup> ~~agrupadas~~ <sup>agrupadas</sup> pela primeira vez.

O apreço por *O Romance de Amadis* e *O Poema do Cid* levam-no a esboçar uma conferência

### O CID E AMADIS

inédita até há pouco (Nobre 2005: 577-587) e esquecida no baú da BMLALV, com o n.º 320104.

Tudo indica que seria uma das LIÇÕES que o escritor foi convidado a dar na fac. de Letras da Un. de Coimbra, em 1929, por António Gonçalves Rodrigues.

# FOTOGRAFIA (CMALV 177-217, 224)



## Fotografias de Afonso L. Vieira e de Helena de Aboim (CMALV 180-181)



A publicação, em 1909, do artigo para a *Ilustração Portuguesa*, intitulado **Photographia Moderna**, onde dava conta do seu interesse, educado durante 15 anos, sobre a arte fotográfica, artigo que era acompanhado de *clichés* inéditos, é reveladora deste interesse e transforma-o num dos primeiros pioneiros da fotografia como forma de arte no nosso país.

Procurava salvaguardar a memória de momentos de vida que se transformaram em arte, como acontece com as duas fotografias – uma sua, outra da mulher, Helena – preservados como retratos artísticos, retiradas no espaço recriado da varanda. E, se a autoria da fotografia de Helena de Aboim se deve atribuir a Lopes Vieira, talvez seja possível que o poeta tenha querido obter da esposa um olhar fotográfico sobre si próprio, tendo-a instruído para o fotografar.

# CERÂMICA DE EQUIPAMENTO

Lisboa 14 Fevereiro 1911

Meu caro Afonso Lopes Vieira

**(CMALV 949-958):**

Aí lhe mando esses insignificantes exemplares da minha faiança popular das Caldas; um paliteiro, um cinzeiro, um centro de conchas Vieira e o tal meu São Francisco que eu fiz em tempos para servir de reclame aos vinhos do Porto Menéres, e de que lhe falei. Como a forma já gasta, já deve estar muito alterada a modelação primitiva.



Não olhe V. para a escultura que não presta para nada. Mando-lho apenas como curiosidade e as outras coisas baratas e para V. mandar para sua casa de São Pedro de Muel.

Desculpe a insignificância. Depois lhe mandarei outras coisas. Abraça-o o seu admirador sincero e amigo mt<sup>o</sup> grato,

**MGustavo Bordalo Pinheiro**

**S/C R. do Mundo, 33, 3<sup>o</sup>**

BMALV, *Cartas e outros escriptos [...]*, vol. V, n.º 14.  
43



Quer o **centro de conchas (CMALV 956)**, quer o **sapo (CMALV 957)**, que não possuem marcas efectivas da cerâmica a que pertencem, serão alguns dos exemplares referidos na carta, provavelmente até, neste momento, um *unicum*, pois não se conhecem outros centros semelhantes. A data de 1911 tem relação com a obra poética para crianças *Animais Nossos Amigos*, onde o sapo é um dos protagonistas.

A escolha do *ex-libris* podia já estar a ser delineada nesta época, ou a oferta de Bordalo ter sugerido ao poeta a sua pertinência, como aqueles que prezava já observavam sobre o lar frequentado, associando-lhe elementos de malacologia.

A localização destas peças decorativas na varanda diz-nos algo sobre o papel social e educativo que lhes era reservado.

# ESCULTURA (CMALV 225-234)

## 2 edículas da “rosácea falante” (CMALV 229)



As edículas de mestre Joaquim Correia terão sido a súpula de grande parte destes sonhos criativos e permitem-nos compreender a ligação afectiva que nutria por esta peça.

De um esquecido e inaugural romance *Pedro Cru*, dado em esboço para uma figuração dramática na antologia poética de 1904 [PE: 37-43], passando pelo projecto de *O Romance de Pedro e Inês*, enunciado em *Ilhas de Bruma*, de 1917, em preparação, até ao livro *A Paixão de Pedro o Cru*, com uma 1.<sup>a</sup> ed. em 1940, e 1944, quando acompanha o mestre ferreiro Lourenço Chaves de Almeida, com a tese sobre a nacionalidade do autor dos túmulos de Alcobaça, passam mais de **20 anos** em que o tema obceca Lopes Vieira, chegando a metamorfosear-se em guião para o cinema de índole nacionalista, com o **filme *Inês de Castro***, de 1945, de Leitão de Barros.



## **Busto de Afonso Lopes Vieira (CMALV 225)**

Realizado de memória pelo **mestre Joaquim Correia**, após o falecimento do escritor, e do qual Helena de Aboim se agradou tanto, tendo impedido mestre Correia de fazer o bronze e conservado a maquete em gesso, transformando este exemplar **único** na obra do escultor fora dos registos dos seus catálogos.

REFERÊNCIA EM REDE: <http://www.afonsoledesvieira.ipleiria.pt>  
*Visitar sítio da internet*

**MEDALHÍSTICA** (CMALV 948)

**INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS** (CMALV 960-961)

**METAIS** (CMALV 963-967 e 983)

**EQUIPAMENTOS E UTENSÍLIOS** (CMALV 968 e 970-994)

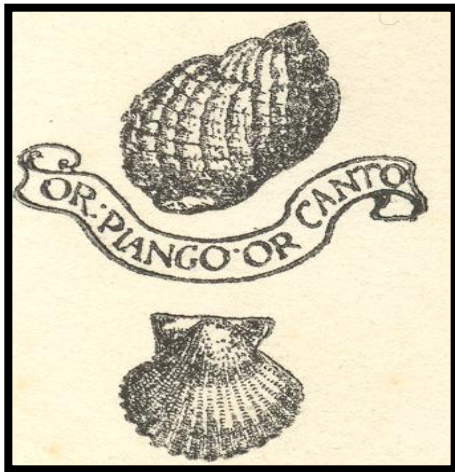
**VIDROS** (CMALV 987-989)

**TRAJE** (CMALV 991-992)

**BRINQUEDOS** (CMALV 997)

**ESPÓLIO DE MALACOLOGIA** (CMALV 999-1144, 1315-1316 e  
122/2-122/19)





Afonso somus Vieira

